

A rede esgarçada

GOVERNO AGARRA-SE ONDE PODE, MAS DERRUBA MAIS DO QUE SEGURA

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

A história é nordestina, de gente que dorme em rede. Com o tempo, depois de ser lavada muitas vezes, a rede fica esgarçada. Uma bela noite, o sujeito está deitado e a rede cede no meio, ali se concentra o maior peso; o sujeito segura nas bordas, mas estas rasgam numa ponta, na outra, nos pés, até que o coitado desaba no chão, agarrado nos trapos.

A economia brasileira está esgarçada que nem rede velha. Tome-se o caso dos aumentos da gasolina e do gás de cozinha, o primeiro de impacto psicológico, o segundo de efeito psicológico e material, direto no custo de vida dos mais pobres.

Os aumentos foram anunciados no mesmo dia em que o novo presidente do Banco Central, Armínio Fraga, lança um combate prioritário à inflação. O reajuste do combustível começa dando munição ao inimigo.

A alternativa era adiar o aumento, mas isso faria estragos no déficit público. Apesar da abertura no mercado, ainda é a Petrobrás que refina e produz os combustíveis – e a estatal funciona em dólares. Gastando mais reais para adquirir os mesmos dólares, a Petrobrás tem um aumento de custo que é transferido ao governo federal. E o governo está catando trocados onde pode para cumprir a meta de superávit com o FMI.

Logo, é preciso aumentar os combustíveis para reduzir o buraco da chamada “conta petróleo”. Só que o cidadão percebe o aumento de preço muito concretamente, enquanto a conta petróleo e o déficit são abstrações distantes do dia-a-dia. Sem contar que o governo nunca conseguiu explicar por que os custos da Petrobrás não caem quando cai o preço do petróleo, como vem caindo há meses, estando hoje nos níveis mais baixos da história. (Ah!, se já tivesse sido priva-

tizado todo o setor, com diversas empresas competindo na produção e no refino...)

Mas, enfim, eis aí: ou põe fogo na inflação, ou esburaca o déficit.

Tome-se agora o caso das exportações. A desvalorização não era para dar um impulso formidável nas exportações? Não são os dólares dos exportadores a esperança de derrubar a altíssima cotação da moeda americana? Pois então era de esperar que se montasse uma rede de apoio à exportação, incluindo não apenas eliminação de impostos, mas até subsídios diretos. Tudo pelos dólares.

Pois no final da semana, no mesmo dia em que o Banco do Brasil inventava uma forma criativa de financiar exportadores, o governo voltava a cobrar o

PIS e a Cofins sobre as exportações. Mesmo que não estivessem numa emergência seria uma estupidez. Nenhum país sério cobra impostos sobre exportações – pois estas simplesmente ficam mais caras e menos competitivas.

Mas há argumentos para a cobrança dos impostos nesse momento. Afinal, com o dólar a mais de R\$ 2,00, qualquer carroça ou badulaque made in Brazil fica competitivo. Então, por que

não cobrar algum dos exportadores, já que o governo está catando trocados? Faz sentido – e tanto que os governadores já pedem a extinção da Lei Kandir, santa lei que isenta as exportações do (caríssimo) ICMS.

O governo federal vinha dizendo que não se pode atrapalhar as exportações. Mas PIS e Cofins por acaso atrapalham menos? Além disso, tocar imposto nos exportadores, porque eles estariam ganhando demais, significa admitir que o dólar vai ficar muito caro para sempre. Mas Armínio Fraga não disse que quem comprar dólar a R\$ 2,00 vai perder dinheiro? Precisa avisar a Receita Federal.

Talvez a Receita pretende suspender os impostos quando o dólar cair. Mas, nesse caso, a questão é: quem pode fazer um planejamento decente se a aplicação de impostos varia conforme um dólar posto em livre flutuação? Não pode ser isso. Está na cara que PIS e Cofins taxam exportação este ano todo, pelo menos, para o governo recolher aí uns R\$ 900 milhões – e qualquer milhão vale para se fazer o mais do que necessário superávit nas contas públicas.

Em resumo, nessa história, a Receita deu o golpe de colocar os impostos agora, enquanto o dólar está alto. Quando cair, o imposto já está lá, não se fala mais nisso. Mas, se o País voltou a taxar a exportação, isso signifi-

ca que o real precisará ficar subvalorizado, para compensar os custos de PIS, Cofins e, talvez, ICMS. Se for isso, então alguém precisa avisar Armínio Fraga que não é mais para derrubar o dólar.

E, por falar em imposto, se o governo está tão apurado nas contas a ponto de aumentar gasolina e gás de cozinha e taxar exportações, faz sentido reduzir os impostos sobre os carros?

Certamente, trata-se de uma ação anti-recessiva: baixar os preços para estimular o consumo de carros e assim impedir que as fábricas mandem mais gente embora. É um bom argumento.

Só que o aumento da taxa de juros aplicado por Fraga vai na direção contrária – encarece o crediário e o custo das empresas. Também aqui há um bom argumento, ainda mais forte que os outros: trata-se de combater o pior dos males econômicos, a inflação, que rouba insidiosamente o poder de compra do dinheiro carregado pelos mais pobres. Os ricos carregam dinheiro indeixado ou dólares.

E, de novo, se Fraga está certo, então é preciso avisar outros setores do governo.

Acontece que essa rede esgarçada cria uma forte instabilidade. A inflação vai-se infiltrando, as pessoas começam a perder a fé na moeda estável e, o que é pior, passa uma sensação de que o governo, solto no espaço, tenta agarrar-se onde pode – e com isso vai derrubando o que encontra pelo caminho.

É preciso admitir que a situação melhorou no final da semana. Armínio Fraga apresentou um interessante plano de vôo, saiu o acordo com o FMI, o dólar até cedeu. Mas a confusão permanece em várias áreas do governo, falta unidade de comando e direção.

Não digo nem que precisa de uma rede nova – mas é conveniente uma boa costura na velha.

Haja linha.

